

Do amor imaginário ao amor simbólico  
– um percurso da transferência

Ana Beatriz Novelli  
Eliana Lazzarini  
Daniela Chatelard  
Márcia Maesso

**Resumo**

Este artigo procura traçar o caminho do amor imaginário proposto por Freud como sinônimo de transferência ao amor simbólico proposto por Lacan, ao dar prosseguimento ao estudo da transferência, introduzindo a ideia de “dom” na psicanálise.

**Palavras-chave:** Amor, Transferência, Dom, Identificação imaginária.

***A transferência freudiana  
como o amor imaginário***

É na forma de amor que se tecem as mais diversas tramas da humanidade – no teatro, nas histórias, na vida cotidiana. E não poderia ser diferente na psicanálise. “O amor, há muito tempo que só se fala disso”, diz Lacan ([1975] 2008, p. 45) no *Seminário 20*, sem hesitar.

A transferência, conceito-chave para o entendimento da psicanálise, surgiu como homóloga ao amor do paciente pelo analista. O aparecimento do conceito data de 1895 no texto *Psicoterapia da histeria* (FREUD, [1885] 2016). Desse modo, é na clínica da histeria a primeira incidência da ideia de transferência, identificada nessa fase como uma “falsa conexão” (FREUD, [1885] 2016, p. 424) entre o paciente e o analista, aludindo a uma resistência inconsciente por parte do paciente aos avanços analíticos.

O exemplo utilizado por Freud ([1885] 2016, p. 424) para ilustrar sua conduta em relação à transferência foi de uma paciente que irrompeu em vontade de lhe dar um beijo ao final da sessão. Freud argumenta

que é papel do analista esclarecer à *paciente que essa vontade é um engano*, indicando que o aparecimento desse desejo se refere não à situação ou à pessoa do analista, mas a um afeto do passado da paciente, que ainda não pôde se tornar consciente, porém *não suporta mais permanecer reprimido* e, assim, se manifesta em sessão.

Em outras palavras, o investimento libidinal posto pelo paciente no analista

[...] não deve levá-lo (o analista) a supor que se trata de algo provocado por sua própria pessoa, mas sim pela própria situação analítica (BRITO; BESSET, 2008, p. 690).

Nessa fase da clínica, Freud fundamenta sua prática na ideia de que o trabalho analítico consiste no “despertar de reminiscências” (BISSOLI, 2006, p. 21), causa do sofrimento histérico. Levando em consideração o estudo da histeria como guia para o primeiro comentário sobre a transferência em análise, podemos notar que sua descrição inicial considera a transferência como um sintoma histérico de resistência ao tratamento.

O afeto dirigido ao analista é uma possível atualização consciente de algo incompatível ao ego do sujeito que o expressa e que, portanto, enxerga na figura do médico um caminho seguro de escoamento e manifestação. Desde já percebemos, apesar de ainda pouco delineada, a ideia que prolongará o papel da transferência na teoria freudiana.

Então, nos deparamos com a seguinte questão: se o analista é suposto pelo paciente como lugar confiável para a projeção de seus afetos inconscientes, ele não ocuparia uma posição privilegiada para o manejo do destino de tais afetos?

Atento a essa pergunta ao elaborar o texto *A dinâmica da transferência*, Freud ([1912] 2010) estende a influência da transferência no tratamento e esclarece que, além de continuar sendo uma resistência ao tratamento analítico, a transferência é uma ferramenta fundamental no manejo do analista.

Nesse momento da teoria, a relação transferencial aparece como benéfica ao avanço do tratamento e é considerada um elemento essencial para o sucesso de “cura da neurose” (FREUD, [1912] 2010, p. 146).

E comenta

[...] os fenômenos da transferência oferecem grandes dificuldades ao psicanalista, mas não se deve esquecer que justamente eles nos prestam o inestimável serviço de tornar atuais e manifestos os impulsos amorosos ocultos e esquecidos dos pacientes (FREUD, [1912] 2010, p. 146).

Essa extensão do papel da transferência no contexto analítico para além da resistência não deve ser percebida como insignificante. É a partir desse ponto que a transferência ascende a uma posição singular no *setting*. Para Freud, o entendimento do analista sobre o paciente e do paciente sobre sua própria neurose se baseia nessa relação.

É importante ressaltar que Freud identifica a transferência como fundação para todos os tipos de relacionamentos humanos. Todavia, é apenas na situação analítica, envolvendo tanto paciente quanto psicanalista, que é possível implicar ao analista uma escuta suportando seu lugar e, então, instaurar através dessa relação transferencial

[...] uma zona intermediária entre a doença e a vida, através da qual se efetua a transição de uma para a outra (FREUD, [1912] 2010, p. 206).

Nesse sentido, é por conta da existência dessa arena de expressão e por meio dela que há uma nova *lógica freudiana de trabalho analítico: o paciente repete dentro e fora da relação de transferência* com o analista, mas só se recorda de seu afeto inconsciente que o impeliu à repetição no momento de análise, por meio do desvelamento apontado pelo analista.

A partir disso, o analista intervém na cadeia lógica desconhecida do paciente, desvelando o que estava claro mas encoberto – a repetição. A intervenção do analista tem como pressuposto não uma cura imediata, catártica (como poderia acontecer nas sessões com a hipnose), mas um resultado a longo prazo, vindo da elaboração do sujeito com o tempo. O objetivo aqui é prosseguir o trabalho apesar daquela “resistência agora conhecida” (FREUD, [1914] 2010, p. 207).

A repetição inconsciente não precisa ser posta em ato para ser descarregada – o objetivo é fazê-la tornar-se “[...] material para o trabalho terapêutico” (FREUD, [1914] 2010, p. 205) a partir da fala elaborada em sessão.

Assim como o conceito de transferência, a finalidade da análise se estendeu desde 1895. A meta analítica continuou sendo o fim da repetição inconsciente desconhecida; no entanto, não bastava apenas despertar o paciente de suas remi-

niscências. A elaboração em sessão, por intermédio da fala e da transferência, se tornou essencial para a cura.

Podemos observar com bastante clareza a carga amorosa dos exemplos usados por Freud em suas ilustrações sobre a transferência. Desde os primeiros rascunhos, esse fenômeno está conectado intimamente com afetos amorosos e não é por acaso que em 1915 o autor volta a escrever sobre o tema em *Observações sobre o amor transferencial*.

Nesse texto, o exemplo oferecido por Freud é de uma paciente apaixonada, que provoca e seduz seu analista, empenhada em um movimento de repetição, transformando em ato e repetindo “[...] o que deve recordar, reproduzir como material psíquico e manter no âmbito psíquico” (FREUD, [1915] 2010, p. 220).

Ao analista que deseja e supõe ser possível continuar com o tratamento analítico quando confrontado com essa situação, resta apenas uma opção em resposta às investidas da transferência amorosa: acolher os sentimentos da paciente sem retribuir sua ternura, deixando claro o lugar de resistência que aquela atitude estabelece na continuação da análise. Dessa maneira, o analista convida o paciente a reconhecer essa resistência e continuar em análise. Para Freud, essa investida amorosa continua sendo um engano, uma máscara, ilusão, e o amor não é nada mais do que a própria comprovação da transferência.

Lacan comenta os escritos técnicos de Freud no *Seminário I* e mira precisamente esse ponto. “A transferência é o amor”, diz ele diretamente (LACAN, [1953-1954] 1986, p. 108). Assim, o amor deixa de ser exemplo ilustrativo para a transferência e se torna a própria transferência, como Freud parece propor inicialmente.

Lacan ([1953-1954] 1986, p. 108) afirma:

A estrutura desse fenômeno artificial que é a transferência e a do fenômeno espontâneo que chamamos amor, e muito

precisamente o amor-paixão, são, no plano psíquico, equivalentes.

Segundo Lacan, “[...] o amor imaginário participa, no fundo, da ilusão” ([1953-1954] 1986, p. 133-134) porque, como ele mesmo diz, esse amor-engano, amor-ilusão, nada mais é do que o imaginário exercendo sua função. Esse é o próprio amor narcísico, transfigurado em imagem refletida. Ama-se a imagem daquilo que o próprio sujeito gostaria de ser, correspondendo à noção do eu-ideal.<sup>1</sup>

O amor-paixão, para Lacan, identificado como o amor de transferência freudiano, é *posto como tal* por causa da própria definição do registro em que se encontra, onde “[...] cada um de seus termos são imagens espelhadas do outro” (SCUBLA, 2011, p. 263). Entretanto, Lacan não se restringe a explicar o caráter imaginário do amor freudiano: em sua obra ele propõe estender o amor ao registro simbólico.

### ***O simbólico como campo possível para o amor: o advento do dom***

Lacan organiza seu estudo da psicanálise em três registros: o imaginário, o simbólico e o real, modelo que ficou conhecido como RSI. Os registros, como comenta Clavurier (2013, p. 126), podem ser comparados a “[...] três livros de notação diferentes, três livros em que anotamos as coisas que pensamos”, pertencentes a ordens distintas. Nesse sentido, cada registro tem sua própria forma de marca, e cada marca é feita de forma diferente.

Clavurier (2013) argumenta que, assim como Descartes organizou o tempo e o espaço como coordenadas num esforço *metódico e distintivo* (CLAVURIER, 2013, p.

1. O eu-ideal (*Ideal-Ich*) é um conceito freudiano que aparece pela primeira vez em *Introdução ao narcisismo* (1914) e é retomado por Lacan no *Seminário I*, em referência à formação do narcisismo. O eu-ideal “[...] se encontra em posse de todas as preciosas perfeições do eu” (LACAN, [1954] 1998, p. 156), correspondendo a uma imagem perfeita de si, permitindo que o sujeito ame a si mesmo narcisicamente no registro imaginário.

129, grifos nossos), Lacan organiza o sistema RSI como referência análoga para a prática clínica, organizando o espaço e o tempo visando o manejo da transferência. Os três registros, interconectados sob uma forma nodal, marcam campos de influência, distinções necessárias para o entendimento de um fenômeno.

*É importante localizar a estima do registro do simbólico para Lacan até a década de 1970.* De acordo com Roudinesco e Plon (1998), até 1970 o autor organizava os três registros como SIR, evidenciando uma supremacia do simbólico em relação ao imaginário e ao real.

Embora hoje a teoria considere a organização RSI dos três registros, invertendo a importância do registro do real, a maioria dos textos utilizados nesse artigo são anteriores à década de 1970. Desse modo, essa referência primeira (SRI) é fundamental ao elaborar considerações sobre o estudo da transferência.

Roudinesco e Plon (1998, p. 714) apresentam a origem do verbete “simbólico” na antropologia desenvolvida por Marcel Mauss (1872-1950) e Claude Lévi-Strauss (1908-2009), apesar de haver discordância quanto a esse lugar de início (SCUBLA, 2011). A categoria do simbólico lacaniano, impossível de ser desassociada do real e do imaginário, reformula o inconsciente freudiano por meio das noções da linguística e eleva o inconsciente ao princípio único no qual “[...] se organiza a multiplicidade das situações particulares de cada sujeito” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 714).

*É a partir de um significante, como sustenta Iannini (2015), que o sujeito faz sua entrada na linguagem.* O acesso do sujeito à linguagem, dimensão simbólica, faz com que o inconsciente se torne “discurso do Outro” (LACAN, [1953] 1998, p. 18), guardando de significante em significante (essencialmente, uma cadeia) os significados que o sujeito faz de si e das coisas que o cercam.

Trazendo o debate de volta para o amor de transferência, podemos entender que, ao falar sobre o simbólico lacaniano, dispomos de uma instância que considera a lógica da palavra e da existência do Outro como portador de significantes. A fala é meio privilegiado de acesso ao simbólico.

Em *A báscula do desejo* ([1954] 1986), ao comentar sobre o simbólico, Lacan utiliza como exemplo o eu-ideal (imaginário e narcísico) capturado no amor-paixão (*Verliebtheit*) para descrever o desejo que volta verbalizado, simbolizado em palavras:

[...] como diz Freud em algum lugar, a imagem do Ideal-Ich, cada vez que se refaz de maneira analógica a assunção jubilatória do estádio do espelho, cada vez que o sujeito é cativado por um dos seus semelhantes, bem, o desejo volta no sujeito. Mas volta verbalizado. Em outras palavras, cada vez que se produzem as identificações objetais do Ideal-Ich aparece esse fenômeno para o qual eu lhes chamei a atenção desde o início, a *Verliebtheit* (LACAN, [1954] 1986, p. 198).

Quem mostra esse importante ponto de articulação é Jean Allouch (2010). O trecho acima não pretende ressaltar o amor imaginário ilustrado pelo eu-ideal (*Ideal-Ich*) como única forma de expressão do amor. Em vez disso, evidencia uma espécie de submissão do *Ich-Ideal* imaginário ao registro do simbólico ao aludir que é por causa do envolvimento do “[...] sujeito por um de seus semelhantes”, pela via simbólica, que se torna possível a expressão desse amor. E isso não é tudo. O emaranhamento nos significantes do outro, que desperta o *Ich-Ideal*, “volta verbalizado”, pois o sujeito está imerso num mundo de significantes, “num mundo de sujeitos que falam” (LACAN, [1954] 1986, p. 198).

Allouch argumenta que o pivô comum que conecta a transferência ao amor é a fala. “Falar de amor, com efeito, não

se faz outra coisa no discurso analítico” (LACAN, [1975] 2008, p. 89).

Desse modo, o amor, antes considerado no âmbito imaginário por Freud, se desloca para dentro do campo simbólico através das considerações acerca das palavras. Allouch ainda cita uma passagem de Lacan em que o psicanalista ressalta: “[...] aprendam a distinguir agora o amor como paixão imaginária do dom ativo que ele constitui no plano simbólico” (LACAN citado por ALLOUCH, 2010, p. 75).

Lacan faz uma espécie de cisão do amor ao quebrá-lo entre amor imaginário e dom ativo no plano simbólico, sem ainda explicar quais são as consequências de tal concepção para o entendimento da transferência.

Nesse sentido, podemos pensar o fenômeno da transferência com as coordenadas oferecidas pelos registros RSI. Em seu caminho imaginário, a transferência invoca uma identificação imaginária do paciente para o analista, o que é ilustrado através do discurso apaixonado do paciente. O amor narcísico é, em última instância, um apaixonamento (*Verliebtheit*) espelhado pelo eu-ideal (*Ideal-Ich*).

No entanto, se a transferência for enodada apenas nesse registro, não há de fato movimento de análise. Freud chegou a essa conclusão em vias práticas ao postular a dificuldade de continuação da análise com um paciente apaixonado pelo analista, mesmo sem articular diretamente os registros RSI. Apesar de Freud considerar o espaço privilegiado da fala através das elaborações das associações livres, suas ponderações priorizavam o movimento da transferência imaginária.

O salto dado por Lacan ao considerar dois tipos diferentes de amor (simbólico e imaginário) tem ressonância direta com a transferência na prática clínica por também prolongar a ela essa divisão.

Allouch se pergunta se amar – e, por isso, o amor – não seria o desejo de ser amado. A pergunta que o autor faz “Será amar

ser amado por alguém?” (ALLOUCH, 2010, p. 75) é essencial para o entendimento do amor através da via de identificação narcísica.

Continua Lacan citado por Allouch (2010, p. 76):

Mas, inversamente [sublinho], o que é inteiramente não menos evidente, é que amar (eu diria correlativamente, e por causa disso mesmo) é justamente amar um ser para além daquilo que ele parece ser. O dom ativo do amor visa não o ser em sua especificidade, mas em seu ser.

Na passagem acima percebemos a utilização do “dom” como sinônimo ao amor simbólico e alternativa ao amor imaginário. O foco do amor não se restringe mais às características preciosas que o eu-ideal guarda, sua especificidade; ao contrário, seu ser. O amor simbólico prende nas suas redes um para além daquilo que se é enquanto objeto imaginário.

Existe uma diferença dessa concepção para aquela entendida em Freud: na identificação imaginária, ama-se aquilo que se “parece ser”, considerando o eu-ideal como origem e parâmetro. Já no registro do amor simbólico, ama-se “para além daquilo que parece ser”, ou seja, ama-se aquilo que também não parece ser, envolvendo um novo aspecto antes não considerado.

### **O objeto amante e o sujeito amado**

A dinâmica entre o amor imaginário e o amor simbólico é esclarecida na lição de 7 de julho de 1954, quando Lacan fala sobre a situação analítica. Nessa parte do *Seminário 1*, o psicanalista destrincha a função do objeto amante e do sujeito amado.

A princípio paradoxais, as categorias do sujeito e do objeto são invertidas nesse raciocínio. Allouch (2010) aponta uma lógica fundamental ao questionar se, na verdade, amar não se definiria pelo desejo de ser amado. Nesse caso, o amante é quem sofre pela paixão de um outro.

Ou seja, o amante seria o apaixonado, que ama ativamente não o objeto de sua paixão, mas o lugar em que for colocado.

Segundo Lacan,

[...] o amor, o amor daquele que deseja ser amado, é essencialmente uma tentativa de capturar o outro em si mesmo, em si mesmo como objeto (LACAN, [1945] 1986, p. 314).

O sujeito, então, não é amante, é amado.

Nesse mesmo sentido irreverente, Lacan continua sobre o “desejo de ser amado” ao postular que

[...] o desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante [*l'objet aimant*] seja tomado como tal, enviscado, submetido na particularidade absoluta de si mesmo como objeto (LACAN, [1945] 1986, p. 315, tradução entre colchetes e grifos nossos).

A tradução literal de *l'object aimant* do francês para o português seria ‘objeto *ímã*’ e não objeto amante, correspondente à *l'objet amant*. Lacan faz um trocadilho ao preferir utilizar *l'objet aimant* a *l'objet amant*. Usado como um substantivo masculino, *aimant* evoca a figura do *ímã*; como adjetivo feminino, *aimante* qualifica uma relação afetuosa e amorosa.

Ponderamos que, no caso da expressão falada (*l'object aimant*), estamos nos referindo a *aimante* como um adjetivo feminino, qualificando um objeto que é amado. No entanto, desconsiderar a escrita proposital da expressão com sua denotação de substantivo *aimant* e seu consequente significado magnético seria empobrecer a discussão sobre o amor de uma maneira imperdoável.

A expressão *l'object aimant* oferece para a questão do amor um duplo entendimento: (a) o objeto é digno de afeto, propenso ao amor, um objeto amante; (b) o objeto é visado por aquele que sofre do

amor (o sujeito amado), magnetizado pelo amor do sujeito que ama (o sujeito amado) e capturado pelo amor do qual participa. Desse modo, o sujeito amado captura o objeto amante na medida em que o amor é imaginário, e, nesse âmbito, não há relação dual possível.

Em última instância, o amor imaginário é realmente uma ilusão de relação, pois estão em jogo o sujeito que “deseja ser amado” (ALLOUCH, 2010, p. 78) e sua criação, o objeto amante idealizado. O laço criado por esse amor imaginário é fraco e não perdura com o tempo, pois se resume a se sustentar até o limite em que não trai a si mesmo.

Referindo-se à ilusão do amor imaginário, Lacan ([1954] 1986, p. 315) explica que,

[...] quando o ser amado vai longe demais na traição de si mesmo e persevera na enganação de si, o amor não segue mais.

A partir do instante em que o objeto amante expressa suas particularidades autônomas, suas especificidades, ele deixa de ser idealizado como tal.

Isso posto, é coerente apoiar a transferência, assim como o amor, para além desse espaço imaginário insustentável. O amor-paixão, fascinante e arrebatador, funcionaria como primeira captura do ser que ama. Em seguida, encontra-se o amor na forma de dom, simbólico, reelaborando essa captura arrebatadora (*Verliebtheit*). Contrariamente ao amor-paixão, o amor como dom enfatiza sobretudo a falta de harmonia entre o sujeito amado e o objeto amante.

No registro simbólico figura por princípio o significante, a partir do Outro, numa cadeia que não considera mais apenas o desejo do sujeito amado emaranhado em seu próprio objeto amante ilusório – e cabe lembrar que a situação é a mesma até quando o objeto amado é um outro sujeito!

A ilusão, pertencente ao imaginário, deixa de ser a via principal de expressão. O significante, com toda a sua possibilidade de mal-entendido, instaura a alteridade e cria, pela primeira vez, a possibilidade de um laço que considera uma relação dual.

É por isso que a transferência também necessita acompanhar o movimento que Lacan faz ao estender o amor imaginário ao amor simbólico. O dom, como categoria de expressão no registro simbólico, significa a possibilidade de hiância, espaço constituinte entre o sujeito do desejo e seu objeto.

O amor como dom, assim como a transferência pautada no simbólico, abre o espaço de movimento que o sujeito busca ao percorrer a cadeia de significantes em suas construções em análise. Em suma, não há análise se o amor e a transferência não forem pautados através da lógica do dom.

Lacan ([1954] 1986, p. 263) coloca a relação de transferência dentro do plano simbólico ao dizer que “[...] a transferência comporta incidências, projeções das articulações imaginárias, mas se situa inteira na relação simbólica”. Indissociáveis, os registros se sobrepõem à medida que a ótica sobre um fenômeno difere.

Por essas e outras razões, observamos com clareza como o salto feito por Lacan do amor imaginário freudiano até o amor simbólico, expresso na noção de dom, tem relevância crucial para o estudo da transferência. ◻

## FROM IMAGINARY LOVE TO SYMBOLIC LOVE – A TRANSFERENCE’S PATH

### Abstract

*This article traces the path from imaginary love, stated by Freud as a synonymous to analytical transference to the concept of symbolic love, stated by Lacan, also introducing the idea of “gift” (don).*

### Keywords

*Love, Transference, Gift, Imaginary identification.*

## Referências

ALLOUCH, J. *Amor Lacan*. 1. ed. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

BISSOLI, S. S. P. O conceito de transferência nos “Estudos sobre a histeria” (Breuer & Freud, 1895). *Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, p. 19-23, abr. 2006.

BRITO, B. P. M.; BESSET, V. L. Amor e saber na experiência analítica. *Revista Mal-estar e subjetividade*. Fortaleza, v. 8, n. 3, p. 681-703, set. 2008.

CLAVURIER, V. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. *Estudos de Psicanálise*. Belo Horizonte, n. 39, p. 125-136, jul. 2013. Publicação semestral do Círculo Brasileiro de Psicanálise.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: \_\_\_\_\_. “O caso Schreber” e outros textos (1911-1913). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146. (Obras completas, 10).

FREUD, S. Observações sobre o amor de transferência (1915). In: \_\_\_\_\_. “O caso Schreber” e outros textos (1911-1913). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), Artigos sobre técnica e outros textos*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 220-228. (Obras completas, 10).

FREUD, S. Psicoterapia da histeria (1895). In: \_\_\_\_\_. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. Tra-

dução de Laura Barreto. Revisão da tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 358-427. (Obras completas, 2).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: \_\_\_\_\_. *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 193-209. (Obras completas, 10).

IANNINI, G. A estrutura e seus efeitos: o simbólico de Lévi-Strauss a Lacan, via Koyré (2015). *Curinga*, Belo Horizonte, n. 32, p. 117-132, fev. 2011. Publicação semestral da Escola Brasileira de Psicanálise - **Seção Minas Gerais**.

LACAN, J. A balança do desejo. In: \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 189-203. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. A ordem simbólica. In: \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 253-265. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Ideal do eu e eu ideal. In: \_\_\_\_\_. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 152-167. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. O conceito de análise. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 311-327. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. O seminário sobre "A carta roubada" (1955). In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Revisão técnica de Antonio Quinet e Angelina Harari. Preparação de texto de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 13-66. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. Sobre o narcisismo. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). 3. ed. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Betty Milan. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. p. 128-139. (Campo Freudiano no Brasil).

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 714-715.

SCUBLA, L. Le symbolique chez Lévi-Strauss et chez Lacan. *Revue du MAUSS*, Paris, n. 37, p. 253-269, 2011.

**Recebido em:** 23/11/2016

**Aprovado em:** 11/04/2017

#### Sobre as autoras

##### Ana Beatriz Novelli

Mestranda em psicologia clínica e cultura da Universidade de Brasília (UnB).

##### Eliana Lazzarini

Professora adjunta do Departamento de Psicologia Clínica (UnB).

Doutora em psicologia clínica (UnB).

##### Daniela Chatelard

Psicanalista.

Professora adjunta do Departamento de Psicologia Clínica (UnB).

Doutora em filosofia (Universidade de Paris VIII).

##### Márcia Maesso

Doutora em psicologia clínica (Universidade de São Paulo).

#### Endereço de correspondência

##### Ana Beatriz Novelli

E-mail: <novelli.anabeatriz@gmail.com>

##### Eliana Lazzarini

E-mail: <elianarl@terra.com.br>

##### Daniela Chatelard

E-mail: <dchatelard@gmail.com>

##### Márcia Maesso

E-mail: <maessomc@gmail.com>